

## AMOR E SONHO NA POESIA DE ATHOS DAMASCENO

Terezinha Falleiro Vargas

Athos Damasceno Ferreira é um dos poucos simbolistas ainda vivo e que, apesar de seus 72 anos de idade, ainda trabalha ativamente, escrevendo sobre artes plásticas, história e literatura. Nasceu em Porto Alegre e sempre aí viveu. Dedicou à sua cidade uma coleção de versos: "Poemas de Minha Cidade". Não fazendo exceção à regra, diz Andrade Muricy (1), leu os poetas do "frison nouveau": Mallarmé, Verlaine, Rolinat, Rodenbach. Buscou a harmonia de seus versos em Mallarmé, o poder de sugerir em Verlaine, as cores crepusculares em Rodenbach e deixou-se influenciar pela música de Debussy.

Ainda segundo Andrade Muricy (2), Athos Damasceno publicou somente uma obra poética de cunho simbolista: "Poemas do Sonho e da Desesperança" (1925). As duas outras coleções, "Lua de Vidro" (1930) e "Poemas de Minha Cidade" (1938), já apresentariam características modernistas. Por esse motivo restringiremos nosso estudo à primeira coleção, uma vez que nos interessa exclusivamente sua poesia simbolista.

De acordo com declarações do próprio autor, "Poemas do Sonho e da Desesperança" foram escritos entre 1922 e 1924, publicados em 1925 e dedicados à sua esposa, Clara. O tema central desta coleção de poemas é o amor. Um amor espiritual, místico, diferente do amor sensual de Wamosy e de J. Picorelli. Para facilitar a presente abordagem, diríamos que esta temática se apresenta interligada, em alguns sonetos, com a natureza e com a linguagem mística.

Para expressar a relação amor / natureza Athos Damasceno selecionou um léxico particular.

Nas sombras longas da alameda  
o último vulto que passou  
trazia um véu de tula e seda  
da cor violácea da alameda  
o último vulto que passou  
(Meia Voz)

Com seus passos sem rumor pisando as sombras da alameda  
— a sombra roxa dos loureiros e a sombra longa dos ciprestes  
percorre o Parque do Silêncio, solto no ar o véu de seda  
que lhe envolve a fronte clara coroada de folhas agrestes.  
(Noturno)

Há palavras que se repetem nos dois poemas: sombra da alameda, sombra longa e ainda véu de seda. O poeta evoca sua amada e complementa sua pintura através de matizes da natureza.

Vejamos outras coincidências vocabulares e imagísticas:

Com a chegada do Outono o jardim silencioso  
fez-se um parque de sombra e de lagos vazios  
por onde ao vir do ocaso, há um rumor misterioso...  
de folhas a cair e de passos vazios...  
(Crepuscular)

Pelo parque silencioso  
quando as sombras de ouro e cinza do crepúsculo descendo  
sobre os lagos que guardaram o silêncio doloroso  
da paisagem que ficou desfalecendo, esmorecendo,  
esmaecendo ao vir do Outono.  
(Poema da Hora Lilás)

A palavra "outono", além de aparecer nos dois poemas, está grafada em maiúscula alegorizante. Há ainda a descrição de uma mesma idéia com palavras sinônimas: jardim, parque, ocaso e crepúsculo.

E nesta paisagem o poeta incrusta sua amada:

E então como quem vem da distância e retrata  
na saudade do olhar panoramas de bruma  
Ela desce enlutada as aléias de prata,  
para o enterro do sol que no ocaso se esfuma.  
(Clara)

Ela fica tão só sempre que o sol morrendo vai,  
vai deixando no ocaso uma luz de agonia,  
que acredito ver, seu vulto triste vendo  
que existe em seu olhar um outro fim de dia...

Como a tarde, Ela estende as mãos desfalecendo  
sobre a angústia da sombra enevoadada e erradia  
para vestir de crepe a saudade macia.  
(Na tarde gris pela morte do sol)

Ela aparece e vem a mim como a Senhora Desgosto  
as mãos em prece para a missa do abandono  
e as faces brancas sem calor, com palidez de sol posto  
e olheiras fundas de agonia.  
(Poema da Hora Lilás)

Sua amada está sempre envolta em sombra e é triste: "ela desce enlutada", "vulto triste", "palidez de sol posto". Esse procedimento é um modo de harmonizar o motivo principal (a amada) com a natureza.

Além disso, associa a amada à linguagem mística. Embora nem, sempre o faça movido por espírito de religiosidade, mas sim procedendo segundo os padrões da "escola".

E o poeta faz a relação entre amor e misticismo da seguinte forma:

O incenso se esfuma em sombra os santuários velados  
e em gazes de penumbra e véus soltos e aromas  
as santas, sobre o altar têm os olhos parados  
sorrindo para o azul nos nichos e redomas  
vinha de ti.

(Para louvar)

E eu, assim como quem para adorar se cala  
ajoelhei a teus pés e quedei-me a rezar.  
A tua expressão de Madona Dorida  
e minh'alma rezava humilde e comovida  
ao místico esplendor que ardia em teu olhar.  
(Adoração)

O poeta compara sua amada a uma santa, não tanto por religiosidade, mas para conotar a pureza de seus sentimentos, que são da mesma natureza daqueles que se dedicam aos santos.

(1) Muricy, Andrade — Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro, Instituto Nacional do Livro — MEC, 2.<sup>a</sup> ed., vol. 2, p. 39.

(2) Op. cit., p. 1188.

## ANTOLOGIA

### ARIA DA MELANCOLIA

Cinza no acaso ... oiro no poente ...  
as rosas morrem no jardim ...  
O ocaso ... as rosas ... Mansamente  
também morre um rosal dentro de mim ...

O olhar que fica olhando a tarde ...  
o adeus de um gesto solto no ar ...  
Melancolia ... O lume que arde  
irá decerto se apagar ...

A sombra cai sobre a alameda ...  
todo o jardim se desfolhou ...  
(Fazia sombra na alameda,  
quando junto de mim; Ela passou ...)

Morrem as rosas ... o perfume,  
alma das rosas, fica no ar ...  
Cinza do sonho ... que é do lume  
que sempre ardeu no meu olhar? ...

O vento leva a cinza fria,  
leva o perfume ... e os roseirais  
e os sonhos todos na agonia,  
que o vento leva não retornam mais ...

Crepe ... saudade ... desalento ...  
desejo vago de chorar ...  
A cinza ... o sonho ... veiu o vento ...  
(Desce o crepúsculo no olhar ...)

Cinza no ocaso ... oiro no poente ...  
as rosas morrem no jardim ...  
O ocaso ... as rosas ... Mansamente,  
também morre um rosal dentro de mim ...

### SERENATA VERLAINEANA

Cantam violões na noite fria  
e chove luar nos roseirais ...  
Pobres violões! ... Melancolia  
dos vagabundos sentimentais...

(O luar que desce  
do azul parece,  
no véu da bruma,  
um sonho brando  
se desfolhando  
em flos de espuma...)

Vozes errantes da saudade  
passam nas sombras do jardim...  
— Requiem dos sonhos... ansiedade...  
Morre a tua voz dentro de mim...

(o som que canta,  
que enleva e encanta,  
à luz do luar  
traz para a calma  
saudades da alma  
de um outro olhar...)

Canção da noite... Em ressonância,  
que falará da minha dor?...  
Carícias longas da distância  
que vêm, cantando, para o amor...

(A voz dolente,  
triste, morrente,  
dos violões,  
põe nostalgias,  
melancolias  
nos corações...)

Cantam violões na noite calma,  
na noite de luar...  
Os violões, que choram n'alma,  
cantam, à luz do teu olhar...

#### NOTURNO

Chove uma chuva de oiro e luar dentro do Sonho...  
(E o sonho é sempre um lago, um repuxo e um jardim...)  
E a Noite traz as mãos sem gesto e o olhar tristonho  
e fica como uma ilusão dentro de mim...  
Com os seus passos sem rumor, pisando as sombras da alameda  
— a sombra roxa dos loureiros e a sombra longa dos ciprestes  
percorre o Parque do Silêncio, solto no ar o véu de seda  
que lhe envolve a fronte clara coroada de folhas agrestes...  
Na veitura das nuvens se diluem as paisagens do Desencanto

(E neva sobre o lago, o repuxo e o jardim...)  
e as estrelas no céu estão frias, enquanto

#### ADORAÇÃO

O teu gesto desceu, no silêncio da sala,  
sobre mim, e ficou flutuando no ar...  
E eu, assim como quem para adorar se cala  
ajoelhei a teus pés e quedel-me a rezar...

A tua suave expressão de Madona Dorida  
fulgia em plena luz, sobre as alvas do Altar,  
e minh'alma rezava, humilde e comovida,  
ao místico esplendor que ardia em teu olhar...

Em teus lábios de santa um sorriso floria,  
como um lírio de rito a um sol crepuscular,  
e, indeciso, hesitava entre dor e alegria,  
na clara irradiação de um halo singular...

Vinha de ti, por tudo, a bondade infinita  
de quem estende a mão, sorrindo, para dar  
e abre sobre a cruz das Provações, aflita,  
a certeza de ter, de possuir e alcançar...

E descia de ti a serena piedade  
que desperta o prazer imenso de chorar  
e põe no coração a divina ansiedade  
de sofrer em silêncio e depois... perdoar...

#### BERCEUSE

Quando o silêncio principia  
e anda, por tudo, a solidão,  
dentro de nós uma agonia,  
atroz e fria, nos crucia...

(Coração)

Qualquer rumor que traga o vento  
para o momento da ascensão,  
lento, nos punge um sofrimento...

(Coração...)

Porque morremos e sabemos  
que para os outros que virão,  
na mesma Dor reviveremos...

(Coração...)

Tudo nos chama e... nos maltrata,  
n'um desespero imenso e vão...  
não é a morte que nos mata...  
(Coração...)

Descem crepúsculos na alma  
e o sonho é um resto de ilusão  
que traz remorsos para a calma...  
(Coração...)

O olhar morrente, o passo exausto...  
Numa palavra de perdão  
vive uma ânsia de holocausto...  
(Coração...)

Tudo nos fere e mortifica  
por qualquer coisa, sem razão,  
e o próprio amor nos sacrifica...  
(Coração...)

Mas ah! quem nunca se deplora  
encontrará consolação  
no próprio olhar que sofre e chora...  
(Coração...)

Porque, depois que o último gesto  
rolar na sombra, os lábios hão  
de emudecer sem um protesto...  
(ah! coração... coração...)

#### CLARA

Quando, pelo silêncio, há uma voz de sonata,  
sob as cinzas da tarde, o jardim se perfuma...  
e na concha do lago o repuxo desata  
o leque de cristal perolado de espuma...

E, então, como quem vem da distância e retrata  
na saudade do olhar panoramas de bruma.  
Ela desce, enlutada, as aléas de prata,  
para o enterro do Sol que no ocaso esfuma...  
Sob o véu no ar as longas dobras pretas.  
Ela ajoelha e, num gesto indolente e tristonho,  
leva aos lábios sem cor um tufo de violetas...

E eu a vejo ficar sobre as alvas de alfombra,  
dois olhos sem olhar — sucumbindo no Sonho,  
duas palmas sem prece — oficiando na Sombra...